

# Um balanço da presença alemã no panorama artístico da Bahia nos últimos vinte anos \*

## A PRESENÇA DA ALEMANHA NO DESENVOLVIMENTO DAS ARTES NA BAHIA

Embora se reconheça que em nenhuma época da história da arte brasileira a influência alemã — direta ou indiretamente — tenha estado ausente (1), ainda está por fazer-se um estudo que possa apontar, de maneira sistemática, como a presença de artistas alemães se fez notar no desenvolvimento de nossas artes.

Tal pesquisa — que, diga-se de imediato, foge inteiramente aos propósitos deste nosso trabalho — conduziria à identificação, através do tempo e dos diversos estilos de época, daqueles elementos formadores e informadores que, embora de origem alemã, aqui tomaram feição nacional, deixando sua marca diferenciadora em determinadas manifestações artísticas locais.

Em trabalho exaustivamente documentado, **Karl Heinrich Oberacker Jr.** (2) apresenta-nos um levantamento cuidadoso da influên-

cia alemã no Brasil, de um modo geral, desde o início da nossa formação até a metade do século XX, não omitindo os nomes de artistas emigrantes que aqui exerceram a sua atividade criadora.

Em 1968, por ocasião do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado em Recife, o Prof. **Frederico Edelweiss** (3) apresentou uma Comunicação intitulada **A secular presença da Alemanha na Bahia**, na qual estuda o processo da colonização germânica em terras baianas, recordando, como ele próprio enuncia, "a trajetória isolada de uns poucos elementos teutos, no sentido mais lato, ignorados ou referidos lacunosamente (...) a fim de entretecê-los na trama geral da vida baiana" (4).

Durante o I Festival do Barroco, realizado em Salvador, em 1968, o Prof. **Carlos Ott** (5) apresentou uma Comunicação intitulada **Influência alemã no barroco luso-brasileiro**, destacando, na Bahia, a contribuição de **João Frederico Ludwig** (ou Ludovico) na construção e decoração da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Antes e depois do período barroco propriamente dito, são igualmente citados outros artistas: no século XVII, é destacado o nome do pintor alemão **Frei Ricardo do Pilar**, que trouxe para o Brasil a contribuição da Escola da Renânia; no século XIX, o do pintor e desenhista **Johann Moritz Rugendas**, que captou, com rara sensibilidade, cenas da vida brasileira, especialmente aspectos culturais dos indígenas e negros. Grande parte dessa documentação iconográfica ilustra a obra que o artista publicou em edição francesa e alemã, respectivamente, **Voyage pittoresque dans le Brésil e Malerische Reise von Moritz Rugendas**, editadas por Engelmann & Cie. Paris - Mulhausen, 1835 (6).

Outros exemplos da presença alemã poderiam ainda ser apontados, como o entalhador **Otto Koch**, que emigrou para a Bahia e fez a obra de talha em estilo neoclássico da Igreja de São Domingos (7); o **Barão Von Busch**, autor da planta do Hospital da Santa Casa de Misericórdia (8); **Guilherme Jahn**, "competente mestre de obras e construtor da imponente Catedral da Cidade de Barra e que transformou a gruta de Bom Jesus da Lapa em Igreja condigna, sem destruir-lhe a característica" (9).

## A INFLUÊNCIA ALEMÃ NO PRESENTE. O PAPEL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO GOETHE.

Todos esses exemplos citados referem-se ao passado. Nossa Comunicação, porém, prende-se ao presente: aqui pretendemos recensear a contribuição de artistas alemães que, direta ou indiretamente, vêm fecundando a criação de um novo mundo cultural na Bahia, nestes últimos vinte anos, cujo centro polarizador foi e continua a ser, inegavelmente, a sua Universidade Federal.

Dois acontecimentos assinalam, decisivamente, esse movimento renovador: o marco inicial foi a criação das escolas de arte, integradas como unidades universitárias — fruto do espírito clarividente do então Reitor Prof. **Edgard Rego Santos**: Seminários Livres de Música, Escola de Teatro e Escola de Dança, hoje reunidos na Escola de Música e Artes Cênicas; posteriormente, tivemos a fundação do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Goethe Institut), que vem desenvolvendo intensa atividade cultural, ao congregar e incentivar os movimentos de vanguarda na Bahia.

## A ESCOLA DE BELAS-ARTES

Para termos uma visão bem nítida das vertentes da cultura baiana no terceiro quartel do século XX, basta lembrar que, até 1955, a única escola de arte que integrava a Universidade era a de Belas-Artes. Tendo surgido em 1877, como instituição particular, a então Academia de Belas-Artes começou a oferecer cursos de pintura, escultura, gravura e, posteriormente, também arquitetura, passando, já em 1891, a chamar-se Escola de Belas-Artes (10). Quando, finalmente, em 1946, foi criada a Universidade da Bahia, a Escola de Belas-Artes foi, de imediato, incluída no conglomerado de escolas superiores que se agregaram para lhe possibilitar a existência.

É curioso observar que, depois dos cursos cirúrgicos e agrícolas, instituídos no Brasil, em 1808 e 1812, respectivamente, que deram origem à criação da Faculdade de Medicina (1832) — núcleo pioneiro do ensino superior no Brasil e da Escola de Agronomia (1877) — é a então Academia de Belas-Artes uma das mais antigas instituições a oferecer cursos superiores na Bahia, antecipando-se, no seu funcionamento, à Faculdade de Direito — que surgiu em 1891; ao Instituto Politécnico — também criado em 1891; e à Escola Comercial (mais tarde Faculdade de Ciências Econômicas) que data de 1905.

Durante muitos anos, por conseguinte, a Escola de Belas-Artes foi o centro polarizador da vida artística baiana, realizando, ainda que dentro de possibilidades bastante limitadas, o que viria a constituir-se na pedra de toque de uma nova visão de política universitária: a atividade de extensão integrada na atividade de ensino.

Sobre a influência alemã na Escola de Belas-Artes, podemos dizer que, já em 1895, lá estivera o pintor **Maurício Grüm**, que, embora de origem russa, fora educado na Alemanha; permaneceu ligado à Escola por cerca de dois anos, lecionando desenho e pintura. Muito superior aos que lá trabalhavam, marcou profundamente seus discípulos, dentre eles **Oséas dos Santos**, **Otávio Torres**, **Manoel Querino** (11). Acadêmico

muito correto, sofreu da Alemanha influência dos artistas que, paralelamente ao impressionismo francês, criaram um estilo lírico, concebido dentro de uma temática pastoril, muito relacionado com os pré-rafaelitas, que desenhavam com grande perfeição (12).

Posteriormente, outros alemães por lá passaram. A **Profa. Mercedes Kruchewski**, Diretora da Escola de Belas-Artes, cita-nos quatro nomes: **Augusto Adolf Buck**, **Adam Firnekaes**, **Udo Knoff** e **Hansen Bahia**.

O **Prof. Buck** nasceu em Pforzheim, em 1909, cidade famosa pela ourivesaria. Emigrou para o Brasil em 1924, fixando-se na Bahia a partir de 1931, onde se diplomou em escultura pela Escola de Belas-Artes. Desde 1946, leciona Escultura e Modelagem e Gravura de Medalhas.

**Udo Knoff**, também alemão, lecionou Cerâmica durante 12 anos. Dotado de muita sensibilidade, dedica-se à pintura de azulejos, nos quais deixa a marca do seu extremo bom gosto.

**Karl Heinz Hansen**, que acrescentou **Bahia** ao seu nome. é outro mestre alemão que passou pela Escola de Belas-Artes, tendo lá ensinado, até recentemente, Xilogravura. Residindo atualmente em Salvador, onde tem seu **atelier**, Hansen Bahia não só contribuiu para melhor formar nossos artistas plásticos, ensinando-lhes novas técnicas de trabalho, como também colaborou para intensificar a própria atividade artística no âmbito da gravura, valorizando-a com uma fecunda produção.

**Adam Firnekaes** viveu seus últimos anos na Bahia. Nasceu em Würzburg, em 1909, e veio para o Brasil em 1950. Primeiro, fixou-se no Rio e, posteriormente, mudou-se para Salvador, a convite do maestro **Koellreuter**, para lecionar e tocar fagote nos Seminários Livres de Música. Tendo estudado música no Conservatório Benedetto Marcello, em Veneza, e Pintura com **Xavier Fuhr**, na Academia de Belas-Artes de Munique, conseguiu extrair da fusão das duas artes a ordem e o equilíbrio que disciplinaram o seu universo mental. Professor de Aquarela na Escola de Belas-Artes e de Pintura em curso livre do Goethe Institut, soube ser o artista didata, que ensinou aos seus discípulos novas técnicas de pintura, gravura e colagem, levando-os a descobrir novas formas de utilização do espaço pictórico.

A presença alemã na Escola de Belas-Artes não se limitou ao trabalho docente dos que acabamos de citar. A divulgação da arte alemã foi feita através de exposições de artistas radicados na Bahia ou dos que por aqui passaram, bem como através de cursos e conferências.

O programa **Artistas em Residência**, realizado pelo convênio Ford Foundation, Senado de Berlim e D.A.A.D., permitiu que três artistas baianos permanecessem um ano em Berlim: **Mercedes Kruchewski**, **Mario Cravo Jr.** e **Antônio Rebouças**.

## A CRIAÇÃO DE ESCOLAS DE ARTE (MÚSICA, DANÇA E TEATRO) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Deve-se ao Reitor Edgard Santos a iniciativa pioneira de levar a nossa Universidade a ocupar-se com estudos superiores em áreas até então negligenciadas ou relegadas a plano secundário, estendendo, simultaneamente, seus benefícios diretamente à comunidade.

Com efeito, cumprindo-se o cronograma de expansão da Universidade da Bahia, elaborado para a década de 50, foram criadas novas unidades para o ensino da música, da dança e do teatro, acompanhando-se, porém, o seu funcionamento, desde o início, da formação de conjuntos musicais (a Orquestra Sinfônica da UFBA., um Madrigal, um Coral, o Collegium Musicum, um Quinteto de Soprano e vários pequenos conjuntos: trios, quartetos, etc.), bem como de grupos específicos de teatro (A Barca) e dança (Grupo de Dança Contemporânea) (13).

Um acontecimento da maior repercussão dentro da vida cultural do próprio país assinala, de maneira marcante, o início desse movimento de integração da Universidade com a comunidade: a realização, em julho de 1954, dos **Primeiros Seminários Internacionais de Música**.

Idealizados pelo maestro **Hans Joachim Koellreutter**, alemão de nascimento, mas já radicado no Brasil desde 1937, os Seminários tiveram, de pronto, o entusiástico apoio do Reitor Edgard Santos, que diretamente se empenhou para que voltassem a realizar-se, o que de fato ocorreu, sucessivamente, durante o mês de julho, até 1959.

Estava lançada a semente que viria a produzir toda uma geração de artistas, de alto nível de cultura musical e uma apreciável soma de conhecimentos correlatos, consequência bem sucedida de um processo de formação eficiente e atualizado.

Outro grande resultado da realização dos **Primeiros Seminários Internacionais de Música** — este de efeitos bem mais duradouros — foi a criação das novas escolas de arte: em 1955, a própria unidade de ensino musical chamada significativamente Seminários Livres de Música, a que se seguiram, em 1956, a Escola de Teatro e a Escola de Dança.

As três escolas de arte começaram a desenvolver intensa atividade, não só aperfeiçoando o pessoal existente, preparando novos profissionais através dos cursos que foram criados, mas, sobretudo, levando sua ação à comunidade, através dos concertos e espetáculos que passaram a oferecer a um público sempre crescente.

Além de coordenar o ensino e as atividades artísticas no meio profissional, as três escolas desenvolveram um notável esforço de integração interarte, objetivando expandir sua participação sócio-cultural.

Igualmente no âmbito da pesquisa e criação, é extraordinária a produção que se vem acumulando, e a sua divulgação tem contribuído para projetar e consagrar seus atores.

Nos dias de hoje, quando já foram decorridas quase duas décadas desde a sua criação, não podemos deixar de reconhecer, ao analisar criticamente o processo de revitalização que se operou no nosso meio cultural, que dois fatores contribuíram de maneira decisiva para o estágio a que chegamos:

1º a integração da atividade artística na constelação ensino-pesquisa-extensão, isto é, a interdependência necessária do binômio criador-intérprete;

2º a organização de um corpo docente de alto nível, que teria de ser inicialmente constituído de professores provenientes de outros centros de nível cultural mais avançado que o do nosso, até que pudessem ser substituídos pelas novas gerações por eles formadas.

É no âmbito desse processo de efeito multiplicador planejado que vamos encontrar a influência marcante da cultura alemã.

## A PRESENÇA ALEMÃ NA ATIVIDADE MUSICAL

Iniciemos pelo primeiro deles, o maestro **Hans Joachim Koellreutter**. Nasceu em Freiburg, em 1915, mas se estabeleceu no Brasil a partir de 1937, permanecendo na Bahia de 1954 até 1962. Fez seus estudos musicais na Staatlichen Akademischen Hochschule für Musik em Berlim e no Conservatório de Música em Genebra. Estudou composição e direção de coro com **Kurt Thomas**, dedicando-se à regência de orquestra sob a orientação de **Hermann Scherchen**. Flautista, regente, compositor, professor de música, antes de vir para a Bahia foi Diretor dos Cursos de Férias da Pró-Arte, em Teresópolis, da Escola Livre de Música de São Paulo, fundador do grupo Música Viva, do Rio, além de ter participado de vários cursos internacionais.

Na Bahia, não só idealizou e coordenou os Primeiros Seminários Internacionais de Música, e os que se sucederam, como também foi o responsável pela criação e organização didática da nova unidade de formação profissional, da qual foi Diretor até 1962. Durante a sua gestão, estruturou a Escola como unidade de ensino-pesquisa-extensão e

constituiu o seu corpo docente com artistas que fez vir de outros Estados do Brasil e do exterior, todos com a dupla função de professor e instrumentista.

É a **Profa. Georgina Pinheiro de Lemos**, violinista e docente de violino da Escola, que nos fornece a relação dos professores, que apresentaremos por ordem cronológica de chegada.

Assim sendo, os primeiros vieram já em 1955: os irmãos **Sebastian e Lola Benda**, pianista e violinista, respectivamente; **Max Yurth**, trompetista; **Walter Smetak**, violoncelista e luthaio; **Maya Smetak**, pianista, **Ulla Hunziker**, flautista; e **Moyses Mandel**, violinista — estes dois últimos aqui chegaram ainda como alunos, atuando, logo depois, como instrumentistas e docentes.

Em 1956, veio **Ernest Widmer**, maestro e compositor, sobre quem falaremos mais adiante.

Em 1957, aqui chegou **Hilde Sinnek**, professora de canto.

Em 1958, foram selecionados por concurso, para trabalhar na UFBA., os seguintes músicos: **Adam Firnekaes**, fagotista; **Armin Guthmann**, flautista; **Georg Mehrwein**, oboísta; **Georg Seretzke**, clarinetista; **Horst Schwebel**, trompetista; **Peter Jakobs**, contrabaixista; **Volker Wille**, trompista.

Em 1959, vieram **Johannes Hoemberg**, maestro e professor de Regência, Órgão e Harmonia; e **Martin Kelterborn**, técnico de afinação de piano e cravo.

Em 1960, **Günther Goldmann**, contrabaixista.

Em 1961, **Lothar Gebhardt**, violinista; **Peter Orlamund**, trompista; **Hansgoerg Scheuermann**, violista; **Ursula Schleicher** harpista; **Werner Zenner**, timpanista e depois trompista.

Em 1962, **Walter Endres** (para substituir Seretzke) e **Gerald Severin** (em lugar de Mehrwein).

Em 1965, **Wilfried Berk**, clarinetista.

Em 1970, **Ernst Kontwig**, maestro.

Em 1962, **Heinrich Albert Pfar**, cantor.

De todos esses nomes aqui citados, ainda continuam na Bahia **Smetak**, **Widmer**, **Schwebel**, e **Jakobs**.

**Walter Smetak** é natural de Zurique (nascido em 1913), tendo-se radicado no Brasil desde 1937, primeiramente em Porto Alegre, depois São Paulo e Rio, transferindo-se, então, para a Bahia. Além de ser professor e de tocar na orquestra, inventa e fabrica instrumentos, com-

pondo músicas experimentais especialmente para eles. Até o momento, já criou mais de cem desses instrumentos, alguns dos quais denominou de plásticas sonoras, verdadeiras obras de arte plástica, tendo, inclusive, recebido o prêmio de pesquisa da I Bienal de Artes Plásticas da Bahia (1967).

**Horst Schwebel** e **Peter Jakobs** vieram para a Bahia na mesma época, 1958, o primeiro como trompetista, e o segundo como contrabaixista.

**Peter Jakobs** é natural de Essen, onde nasceu em 1930. Estudou contrabaixo no Conservatório Federal de Würzburg, tendo feito, posteriormente, já nos Seminários de Música, cursos de flauta doce e de afinador de piano. É Contrabaixo-Spalla da Orquestra Sinfônica da UFBA., membro do Conjunto de Música Contemporânea e professor de contrabaixo e flauta doce.

**Horst Schwebel** é originário de Kandel. Lá nasceu em 1935. Estudou trompete na Badische Hochschule für Musik, em Karlsruhe. Além de trompete, também ensina regência suplementar para coral e banda, e música de câmara para instrumentos de sopro. Além de integrar a orquestra, toca no conjunto de metais e é regente de um conjunto de sopro.

**Ernst Widmer** nasceu em Aarau, Suíça, em 1927, tendo estudado piano, composição e educação musical no Conservatório de Zurique. Estabelecido na Bahia desde 1956, tem acompanhado todo o movimento cultural que se vem desenrolando, sendo um dos seus mais atuantes agentes: além de ser professor de Composição e Percepção Musical e de exercer importantes funções na administração universitária — Vice-Diretor da Escola de Música e Artes Cênicas, Chefe do Departamento de Composição, Literatura e Estrutura Musical —, é membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia e do Conjunto Música Nova, autor de várias dezenas de peças musicais, detentor de nove prêmios em concursos realizados no Brasil e no exterior, pianista e regente de inúmeros concertos. Constituiu-se, sem dúvida, numa das figuras mais expressivas da música contemporânea.

## A PRESENÇA ALEMÃ NAS ATIVIDADES DE DANÇA

A atuação do Maestro **Koellreutter**, porém, não se limitou apenas ao Seminário de Música. Também a Escola de Dança foi atingida pelo influxo da mesma linha de ação.

Criada em 1956, com a finalidade de trazer para a Universidade o ensino e o estudo da dança, através de cursos de formação de profissio-



nais especializados — ou seja, dançarinos, coreógrafos e professores de dança —, a Escola preocupou-se, desde o princípio, com a estruturação de suas atividades em torno do eixo ensino-pesquisa-extensão.

Dirigiu-a, inicialmente, a Profa. **Janka Rudzka**, polonesa de nascimento, mas de formação alemã, que já se encontrava no Brasil, ensinando dança em São Paulo. Por sugestão de **Koellreutter**, que conhecia o seu trabalho, foi convidada pelo Reitor Edgard Santos para dirigir a nova unidade de ensino.

Além de introduzir no nosso meio a dança moderna, mostrando-a, ao vivo, ao público baiano, **Janka Rudzka** orientou o seu trabalho no sentido de fazer o ensino da dança não apenas um mero passatempo, desenvolvendo todo um processo de formação apoiado em técnicas específicas. Ao mesmo tempo, preocupou-se com estudos relativos ao aproveitamento do folclore regional, usando elementos artísticos para revitalizá-lo.

Após três anos de um trabalho profícuo, **Janka Rudzka** deixou a Bahia em 1959. Para substituí-la, já em 1960, chegava **Rolf Gelewski**, convidado por **Koellreutter**.

Nascido em 1930, em Berlim, **Rolf Gelewski** estudou dança naquela cidade, onde permaneceu até 1960, como dançarino solista do Teatro Metropolitano e como coreógrafo de suas próprias danças e recitais solísticos pelo País, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atividades de professor.

O trabalho inicial de **Rolf Gelewski** foi dar à Escola de Dança uma estruturação didática, definindo-lhe currículos e programas, fixando métodos de ensino e desenvolvendo técnicas que melhor levassem os alunos a uma formação adequada. A importância e o significado desse trabalho pioneiro — pois a Escola de Dança da Bahia foi a primeira no Brasil a estruturar-se como unidade de ensino superior com currículo organizado — foram reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação, que nele se baseou para fixação, em âmbito nacional, do currículo mínimo dos cursos de dança.

A atuação de **Gelewski** não se limitou ao campo administrativo: **no ensino** — do qual não se afastou até hoje —, foi professor de várias disciplinas, tendo cinco trabalhos publicados e mais treze mimeografados, que continuam a ser utilizados pelos docentes que o sucederam e que ajudou a formar; **na extensão**, enfatizou o trabalho do Grupo de Dança Contemporânea da Bahia, de cujas apresentações, levadas a muitas cidades do Brasil, foi não só o Diretor (até 1971), mas também coreógrafo, figurinista e solista.

Pela Escola de Dança ainda passaram outros professores de cultura alemã, tais como: **Monika Krugmann**, convidada por **Rolf Gelewski** em 1964, para ensinar **ballet** clássico; integrou o Grupo de Dança até 1967 e continua no atual Departamento de Dança como docente; **Rudolf Piffli**,

que, de 1964 a 1972, ensinou Dança de Caráter e Metodologia da Dança; **Fred Traguth**, que, em 1965, atuou como dançarino e coreógrafo; **Armgard Von Bardeleben**, que, de 1967 a 1969, ensinou Técnica de **Martha Graham**; **Roger George**, que, de 1969 a 1970, lecionou Técnica, Composição e Coreografia.

## A PRESENÇA ALEMÃ NAS ATIVIDADES DE TEATRO

Se é indiscutível, por ter sido fundamental, a influência alemã na criação e no desenvolvimento das unidades de ensino de música e dança, o mesmo, porém, não ocorreu na Escola de Teatro, onde apenas indiretamente se fez presente, através da apresentação de peças de autores alemães, tais como: **Brecht** (A ópera dos três tostões); **Büchner** (Leonce e Lena); **Max Frisch** (Biedermann e os Incendiários); **Borchert** (A rua sem portas).

Atualmente, a Escola vem contando com a colaboração de **Edwald Hackler Jr.**, que leciona no Departamento de Teatro, História da Arte, Artes Visuais, Iluminação e Cenografia. Tendo vindo para a Bahia em 1969, além da docência **Hackler** desenvolve intensa atividade não só no âmbito das artes cênicas — direção de peças, concepção de cenários e figurinos —, como também no campo das artes visuais, de modo geral, inclusive artes gráficas.

## O PIONEIRISMO DO MUSEU DE ARTE SACRA

Ainda no âmbito das artes, não podemos deixar de destacar o papel preponderante que o **Museu de Arte Sacra** vem desempenhando no nosso panorama cultural.

Apontando como uma das maiores obras realizadas na Bahia nos últimos tempos, deve-se a sua criação igualmente ao espírito empreendedor do **Reitor Edgard Santos**, que o idealizou e batalhou tenazmente, em várias esferas da administração pública, para vê-lo finalmente concretizado, inaugurando-o em 1959, por ocasião do IV Colóquio de Estudos Luso Brasileiros.

Foi um monge alemão, **D. Clemente da Silva Nigra**, seu primeiro Diretor, permanecendo no cargo até 1972.

**D. Clemente** desenvolveu todo o trabalho de consolidação da estrutura do Museu, desde a organização e montagem do riquíssimo acervo, que reuniu um imenso tesouro de arte religiosa, até então disperso em igrejas e residências particulares, como também instalou e fez funcionar os diversos serviços museológicos — arquivo, documentação, restauração —, iniciando, ainda, um programa de exposições.

O Museu de Arte Sacra, órgão suplementar da Universidade Federal da Bahia, foi o primeiro estabelecimento de caráter museológico dedicado à arte sacra a ser instalado no Brasil, conforme nos informou seu atual Diretor, **Prof. Valentin Calderón**. Através dele se teve, pela primeira vez, uma visão didática e selecionada dos diversos aspectos da arte sacra, desde pintura, escultura, ourivesaria, mobiliário, talhas, paramentos, etc.

Com a realização desse trabalho notável, **D. Clemente** levou o nome da nossa arte para além das fronteiras do País, revelando uma intensa e valiosa produção artística, que até então não houvera sido devidamente considerada.

## A CONTRIBUIÇÃO DO INSTITUTO GOETHE

Finalmente, cabe-nos agora ressaltar o papel que vem desempenhando o **Instituto Cultural Brasil-Alemanha** (Instituto Goethe) na vida baiana.

Fundado em 1962 e funcionando ininterruptamente desde 1963, o **Goethe Institut** apresenta um volume de atividades e uma diversidade de realizações que surpreendem não só pela quantidade, mas, sobretudo, pela qualidade.

Analisando os relatórios anuais de suas atividades, podemos verificar que, até 1970, a programação do ICBA seguiu as linhas gerais do trabalho de divulgação da cultura alemã, traçadas para todos os **Goethe Institut** nas diversas cidades do mundo: aliar ao ensino de língua alemã em diversos níveis a apresentação de programas culturais importados da Alemanha — concertos, exposições, conferências, espetáculos de dança, teatro, etc. —, de tal sorte que essas mostras fossem representativas e/ou interpretativas da cultura alemã.

A partir de 1970, porém, começa-se a intensificar o trabalho cultural em termos de colaboração e co-produção.

Percebendo seu atual Diretor, **Dr. Roland Schaffner**, que o ambiente cultural da Bahia se ressentia de atividades teatrais de bom nível, traçou

um plano de ação que teve como objetivo constituir um grupo de teatro, formando e aperfeiçoando o material humano existente, dando-lhe condições de melhorar a técnica.

Assim, em 1971, foi criada a **Cooperativa de Teatro**, que já apresentou três produções importantes: **A exceção e a regra** e **Homem é homem**, ambas de **Bertolt Brecht**, e o espetáculo **Os sete pecados da Cidade**, este um autêntico trabalho de integração Brasil e Alemanha, uma vez que o texto resultou da fusão de elementos estruturais da peça **Jedermann** de **Hofmann Sthal**, trazidos para a poesia de **Gregório de Mattos**.

O que vem caracterizando também essas produções é o trabalho paralelo que é desenvolvido e que lhe serve de base, através da realização de seminários e cursos com professores e especialistas.

Recentemente, foi feito um convênio com uma entidade artística do Rio de Janeiro — Teatro Opinião —, criando-se na Bahia, em consequência, o Núcleo 2. Assim, com a ajuda financeira e material do ICBA, formaram-se grupos nos campos de teatro adulto, teatro universitário e teatro infantil, como também se realizaram seminários para a formação e aperfeiçoamento de profissionais de teatro.

Outra contribuição que merece destaque é o apoio que vem sendo dado à música, principalmente a contemporânea; dois exemplos ilustram a importância dessa colaboração:

1º **O Festival de Música Nova**, realizado em julho de 1974, em convênio com a Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA., durante o qual se reuniram compositores alemães e brasileiros para estudar e discutir os problemas da música cênica contemporânea e da música de câmara contemporânea, no sentido de procurar uma integração, que resultou numa produção conjunta, levada a todo o Brasil;

2º **Integração do quarteto de jazz da Alemanha** — o **Dave Pike Set** — a um grupo local, **Baiafro**, do que resultou a produção de um disco com a gravação do trabalho conjunto, apresentado, ao vivo, em várias cidades brasileiras.

No âmbito das artes plásticas, podemos citar como mais importantes as seguintes promoções:

1. A realização da **Série Interarte** — constituída de três acontecimentos de integração das diversas manifestações artísticas —, que serviu para estimular novas tendências: **Rufo Herrera**, membro do grupo de compositores Música Nova, compôs o **Onirak**, música cênica, e **Chico Liberato** realizou um filme de desenho animado.

2. A inclusão, durante a mostra da Exposição informativa de **Albert Dürer**, de um **Concurso de Reinterpretação de Dürer**, com motivação

contemporânea, que obteve enorme repercussão no meio artístico baiano.

3. A exposição **Bahia década 70**, que reuniu 350 (trezentos e cinquenta) trabalhos de 85 (oitenta e cinco) artistas, constituindo-se na maior visão conjunta do que se produziu em artes plásticas na Bahia.

4. A criação da **Oficina de Serigrafia**, que foi instalada na própria sede do Instituto. Antes de ser colocada à disposição dos artistas baianos, foram oferecidos cursos de introdução às suas várias técnicas de aplicação, ministrados pelo artista alemão **Egon Eppich**, com material disponível e sem ônus para os artistas.

Também no setor da arte cinematográfica, é muito relevante a atuação do **Goethe Institut** da Bahia, não só no âmbito da apreensão de filmes — para isso, foi criado o Cinerante, cinema ao ar livre, e construído em auditório (Teatro do ICBA) —, como também da produção de filmes, uma vez que o ICBA colabora diretamente com o Grupo Experimental de Cinema da UFBA., tendo sido realizadas, sob seu patrocínio, duas Jornadas de Filmes de Curta Metragem, de repercussão nacional.

## CONCLUSÃO

Diante do que acabamos de expor — que poderia ser acrescido de inúmeras outras realizações, se não estivéssemos limitados pelo espaço de tempo reservado às Comunicações deste Colóquio —, cremos ter sobejamente demonstrado como foi e continua a ser da mais alta relevância a presença alemã no panorama artístico da Bahia nos últimos anos.

**ZILMA GOMES PARENTE DE BARROS**

\* *Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*, 3., Porto Alegre, 14-18 out., 1974. Comunicação.

1 Ott, Carlos. *Influência alemã no barroco luso-brasileiro*. *Universitas*, Salvador, (2):67-77, 1969.

2 Oberacker Jr., Karl Heinrich. *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. São Paulo, Herder, 1955.

3 Edelweiss, Frederico. A presença secular da Alemanha na Bahia. *An. Arq. Est. Bahia*, 39:223-42, 1970. (Comunicação apresentada no II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, Recife, 1968.

4 *Ibid.*, p. 224.

5 Ott, op. cit., p. 67-8.

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*

8 *Ibid.*

9 Edelweiss, op. cit., p. 241-2.

10 Bahia. Universidade Federal. *Notícia histórica da Universidade da Bahia*. Bahia, Departamento Cultural da Reitoria, 1967. p. 25.

11 Querino, Manoel. *Pintores baianos; indicações bibliográficas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

12 Calderón de la Vara, Valentin. Depoimento verbal.

13 Bahia. Universidade Federal, op. cit., p. 70-1.

## **OBSERVAÇÃO**

Além das referências bibliográficas citadas anteriormente, cumpre-nos declarar que as informações apresentadas ao longo do trabalho foram obtidas através de entrevistas que realizamos pessoalmente com os seguintes professores:

### **1 Na Escola de Música e Artes Cênicas**

#### **1.1 Música**

Prof. Manoel Veiga (Diretor)  
Profa. Georgina Pinheiro Lemos  
Prof. Ernst Widmer  
Prof. Horst Schwebel  
Prof. Peter Jakobs

#### **1.2 Dança**

Profa. Dulce Aquino  
Profa. Margarida Parreiras Horta  
Profa. Monika Krugmann Oliveira  
Prof. Rolf Gelewski  
Sra. A. Firnekaes (funcionária)

#### **1.2 Teatro**

Prof. Ewald Hackler  
Sr. Antônio Marcelino (Secretário)

### **2 Escola de Belas-Artes**

Profa. Mercedes Kruchewski  
Prof. August Adolf Buck

### **3 Museu de Arte Sacra**

Prof. Valentin Calderón

### **4 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

Prof. Carlos Ott  
Prof. Frederico Edelweiss

**5 Instituto Goethe**

**Dr. Roland Schaffner (Diretor)**

**Sra. Emília Kaiser Costa (Secretária)**

**Sr. Guido Araújo (Grupo experimental de cinema da UFBA.)**

**A todos, os nossos mais sinceros agradecimentos.**